Os Desafios dos Museólogos da UFRJ **Durante a Pandemia**

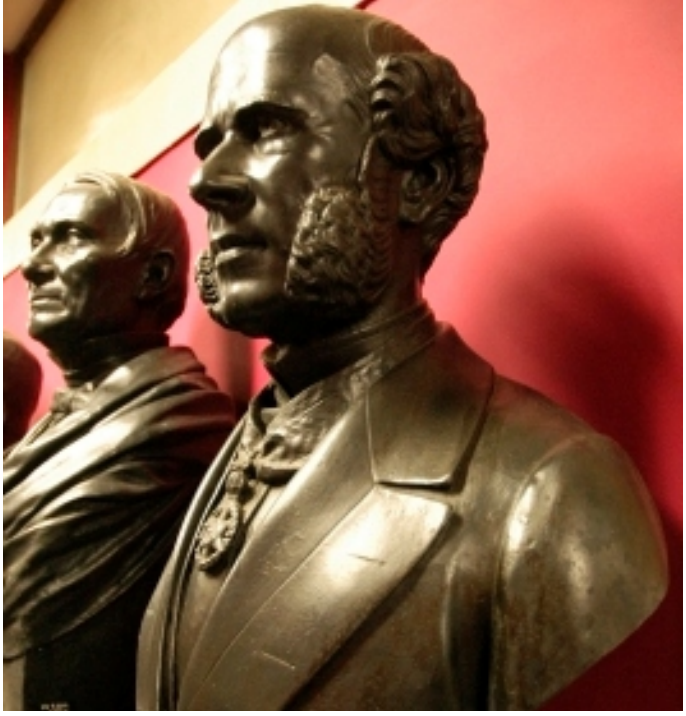
Allana Silva,
18/12/2020

Promover a preservação cultural, planejar exposições e intercâmbio de acervos. Essas são algumas das funções que os museólogos da UFRJ realizam em seu dia a dia. No ano de 2020, muitas dessas atividades tiveram que ser readaptadas ao formato virtual devido a chegada da Covid-19. Em meio a um cenário pandêmico, esses profissionais se reinventaram criando maneiras de levar a cultura, a arte e a ciência remotamente, possibilitando, mesmo em tempos tão difíceis, o compartilhamento dos saberes à sociedade.



Atualmente, a UFRJ é responsável por cuidar de diversos museus e espaços de ciência e cultura, que são: Museu Nacional, Museu D. João VI, Museu da Geodiversidade, Museu de Química Prof. Athos da Silveira Ramos, Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery, Museu de Anatomia, Museu da Escola Politécnica, Museu Itinerante de Neurociências, Casa da Ciência, Espaço COPPE Miguel de Simoni, Espaço Memorial Carlos Chagas Filho, Laboratório Didático do Instituto de Física, Espaço Memória Arte e Sociedade Jessie Jane Vieira de Souza, Observatório do Valongo e o Museu da Computação que no momento está em processo de estruturação e pretende inaugurar, em breve, em uma versão virtual. Além desses, existem duas coleções virtuais: o Museu Delgado de Carvalho e o Museu Virtual da Faculdade de Medicina.

Devido à enorme responsabilidade que a universidade tem de preservar essas coleções, manter a integridade física das obras, registrá-las adequadamente e disponibilizá-las à sociedade para consultas e pesquisas, a Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ resolveu conversar com alguns museólogos para entender os desafios que estão sendo enfrentados durante a pandemia e saber mais sobre as ações extensionistas promovidas pelos diversos museus da UFRJ.





Bustos em bronze e detalhe do acervo Museu Dom João VI, Escola de Belas Artes (EBA/UFRJ)

Na Linha de Frente da Divulgação Cultural



Cláudia Rodrigues

Claudia Rodrigues (51), diretora do SIMAP (Sistema Integrado de Museus Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ) e professora do Setor de Antropologia Biológica do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, fala sobre a importância dos museólogos e os desafios que eles têm enfrentado no período da pandemia: "O museólogo tem essa capacidade de olhar o contexto, de olhar o global, de perceber a instituição de forma diferencial. Então, nesse sentido, é muito importante a presença de museólogos nos museus da nossa UFRJ, assim como em outras instâncias. É absolutamente importante a gente pensar em diferentes ações, principalmente nos diálogos entre as ações de extensão que os museus realizam, e como podemos ampliar essas atuações [...] Para os museólogos, especialmente porque eles estão na linha de frente da atuação das exposições, a pandemia tem sido um momento de angústia, de não poder desenvolver todo o seu potencial de trabalho, de não poder desenvolver os seus planejamentos [...] Por outro lado, eu vejo os colegas da museologia trabalhando intensamente. Apesar das angústias e das incertezas, eles estão trabalhando, alguns na parte de conceituação e muitos buscando a interação com o público, buscando manter as atividades dos museus dentro do ambiente virtual e de outras possibilidades. Todos foram muito afetados, mas o que eu tenho visto é uma capacidade de adaptação e uma força de trabalho absolutamente importante apesar de todas as dificuldades."



Patrícia Danza

Divulgando os Saberes Científicos

Patrícia Danza (39), é museóloga, mestre e doutoranda em História pela UFF. Atualmente, trabalha no Espaço Memorial Carlos Chagas Filho (EMCCF) e coordena o projeto de Extensão "Teias Amplas, Enlaçamentos Estreitos: divulgação científica nas redes sociais do EMCCF". Essa ação busca levar o conhecimento científico à sociedade por meio das redes sociais do museu. Danza revela como este projeto está sendo desenvolvido durante a pandemia e quais resultados têm obtido: "Em tempos de negacionismos e revisionismos, idealizamos esse projeto com o intuito de divulgar os mais variados assuntos ligados ao conhecimento científico. Nosso objetivo é divulgar ciência de qualidade, interagir com nossos seguidores e consolidar o EMCCF como uma instituição de referência em busca por informação séria e de qualidade. Hoje, esse trabalho possui colunas semanais e mensais, todas autorais. Falamos sobre novidades nas ciências, sobre o que de mais novo sai semanalmente sobre a Covid-19, sobre assuntos políticos contemporâneos, sobre personalidades científicas e históricas que dão nome às ruas da Ilha do Fundão, sobre mitos que circulam no imaginário social e muitos outros assuntos. Algumas parcerias já foram estabelecidas nesse processo. Também realizamos lives que tiveram boa repercussão."

Acessibilidade e o Direito das Pessoas com Deficiência

Eduardo Mendonça (29), é formado em museologia pela UNIRIO e trabalha como auxiliar administrativo realizando produções de atividades culturais e divulgação científica no Museu da Geodiversidade. Atualmente, é coordenador substituto do projeto de Extensão "Um Museu Para Todos: adaptação da exposição Memórias da Terra (Museu da Geodiversidade - IGEO/UFRJ) para inclusão da pessoa com deficiência". Esse projeto visa adaptar exposições de longa duração do museu para a inclusão de pessoas com deficiência e, dentre as atividades, produzem uma playlist de vídeos chamada GeoAcessibilidade onde mostram peças do acervo para o público que acompanha suas redes sociais.



Eduardo Mendonça

"Nós temos o auxílio de bolsistas do curso de arquitetura, do curso letras-libras, do curso de comunicação e design que pensam formas de tornar a exposição mais acessível através de ferramentas táteis, libras, linguagem simples e vários outros recursos. Com a pandemia, nós ficamos restritos ao espaço expositivo, uma vez que o nosso museu ainda encontra-se fechado para visitação. Tivemos que interromper as atividades que a gente pensava em relação à exposição e ao acervo de forma física, e passamos a atuar no ambiente virtual. No nosso projeto de extensão, nós começamos a desenvolver uma série de vídeos chamados GeoAcessibilidade em que apresentamos peças do nosso acervo para o público. Nós temos essa apresentação em libras com legendas em portugues e áudio descrição durante o vídeo, e ainda disponibilizamos esses vídeos nas redes sociais do museu. Tem sido bastante desafiador pois os participantes do projeto não se encontram fisicamente, cada um está na sua casa, então as tarefas

são divididas. Não temos o recurso técnico mais apropriado para a confecção dos vídeos para a gravação do áudio descrição, então fica um trabalho de vai e vem, cada um faz uma parte em sua casa, revisa, até a gente ter o resultado final. Mas, ao longo do tempo, temos obtido sucesso na produção desses vídeos e conseguimos uma consultoria com PCDs que aprovaram o nosso resultado, e temos ficado cada vez mais seguros e tentando continuar ativos, levando o museu ao maior número de pessoas mesmo durante a pandemia."
Conheça mais ações de extensão do Museu da Geodiversidade: https://www.instagram.com/extensao.igeo.ufrj/



Paulo Vitor

Museu Nacional VIVE!

Paulo Vitor (31) atua como museólogo no Museu Nacional do Rio de Janeiro desde 2019 e faz parte do projeto de extensão "Museu Nacional Vive", criado em setembro de 2018 logo após o incêndio que destruiu tudo o que se encontrava no prédio principal, o acervo mobiliário do Primeiro Reinado e as peças herdadas da família imperial. Desde o terrível acontecimento, algumas ações passaram a ser realizadas para possibilitar o vínculo do museu com a sociedade, como o Festival Museu Nacional Vive e algumas exposições que foram realizadas em parceria com outros museus.
Diante do isolamento social, tais atividades tiveram que ser remodeladas para o ambiente virtual, por isso, o projeto trouxe uma proposta nova para os extensionistas: o estudo da relação da extensão com o Museu. Paulo fala como foi se adaptar ao novo cenário: "Não foi muito simples, a maior parte dos trabalhos dos museólogos têm muito a ver com o trabalho diretamente nas exposições, diretamente com o público, diretamente com o acervo. Então, por mais que a gente já estivesse em uma realidade diferente da adaptação após o evento do incêndio, não foi muito simples. Por isso, a gente acabou tendo que criar uma pequena escala para ir de vez em quando até as exposições que estavam abertas para ver se estava tudo certo em relação à conservação dos objetos. Durante todo ano de 2020, a gente tem dedicado grande parte do nosso tempo trabalhando em atividades de planejamento, estamos passando por uma grande transformação de infraestrutura no Museu Nacional, tem toda perspectiva de elaboração do projeto de reforma do palácio e de planejamento de novas exposições. Além disso, tem alguns outros documentos importantes para a instituição, e os museólogos estão bastante articulados."

Quer saber mais sobre as atividades que os museus da UFRJ estão realizando durante o período de isolamento social?

Assista aos vídeos dos Museus e Acervos no canal do
YouTube da Extensão UFRJ